

Que docentes são possíveis para os espaços escolares? Reflexões propositivas sobre o ensino de História e o uso de mídias digitais

Which teachers are possible for schools? Propositions and reflections on the teaching of History and the use of digital media

Vanessa Spinosa¹

Resumo: O texto busca trazer reflexões sobre o fazer docente no século XXI, trabalhando com a perspectiva das pressões variadas sobre a profissão, sobretudo quando relacionadas ao uso do ciberespaço para suas atuações no espaço escolar. O trabalho parte da relação entre docência, História Pública e sua importância, revelando como o ambiente escolar é essencial para que haja letramentos para adolescentes, jovens e adultos em formação. Em sua última parte, apontam-se proposições já experimentadas sobre o projeto de produção de conteúdo histórico em redes sociais na formação de professores.

Palavras-chaves: Ensino de História; Letramento histórico-digital; Rede Social.

Abstract: This text seeks to bring reflections regarding teaching in the 21st century, working with the perspective of various points of pressure put on the profession, especially regarding the use of cyberspace for actions in the school space. This work starts from the relationship between teaching, Public History, and its importance, revealing how the school environment is essential for developing literacy for adolescents, young people, and adults. In the last part, actual propositions on producing historical content in social networks in the formation of teachers are pointed out.

Keywords: History Teaching; Historical-digital literacy; Social network.

¹ Doutora em História pela Universidade de Salamanca, com estágio pós-doutoral na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Docente do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (campus CERES) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da UFRN. E-mail: vanessa.spinosa@ufrn.br

Onde estamos? Convite para uma reflexão sobre nosso lugar docente

Era segunda-feira do mês de março de 2023. O adolescente de 13 anos saiu por volta das 9 horas da manhã para atacar a professora Elisabete, outras três docentes e um discente, que ficaram feridos (O que se sabe [...], 2023). Nesse ataque, ainda houve a tentativa violenta de ferir uma aluna negra, o que não aconteceu graças às duas professoras que imobilizaram o criminoso (Uma professora [...], 2023). E, em menos tempo, ainda em 2023, no pré-feriado cristão da Páscoa, um homem de 25 anos – tal qual o menino de 13 anos – atacou uma creche sem qualquer arma de fogo e assassinou quatro crianças entre 4 e 7 anos e feriu mais quatro. O que dizer, ainda, do adolescente de 16 anos em Aracruz, Espírito Santo, ex-estudante de uma das duas escolas que atacou com armas de fogo de seu pai, um policial militar, assassinando docentes e uma aluna, deixando um total de quatro pessoas mortas e doze feridas? (Conti; Barcelos, 2023).

Desde quando a escola se tornou um lugar inseguro? Desde quando a escola se tornou esse espaço violento? Será que a escola não foi e é, desde sempre, um espaço de violências? E será que devemos, enquanto docentes, nos perguntar o que fizemos de mal para que tudo isso ocorra? Será que temos algum tipo de culpa sobre as violências que oprimem e violam direitos fundamentais da nossa espécie que convive em sociedade? A resposta é não. Não temos culpa alguma.

Mas há outras perguntas importantes. Por exemplo, o que estava na ordem do dia para que Elisabete, aos 71 anos, uma mulher que dedicou décadas à educação e ao sistema escolar, ainda estivesse trabalhando? Qual é a máxima que rege o nosso fazer docente? Seria a missão, quase como em contos literários, de amor rumo ao martírio justificando a exploração de colegas desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, ou a um trabalho que caminha para a mudança e amadurecimento de crianças, jovens e adultos para um mundo melhor? Somos trabalhadores e trabalhadoras da educação e formamos uma massa imensa, necessária e fundamental para o desenvolvimento humano em sociedade, que não deveria admitir contorcionismos e mediocridade no seu cotidiano laboral, salários vergonhosos e aposentadorias igualmente vergonhosas.

Então, a primeira dedução que podemos fazer a partir dessas perguntas é que a professora Elisabete, de 71 anos de idade, e todas as outras docentes mulheres, em hegemonia, vivem constantemente em um sistema violento, tenso, exaustivo e que as ameaça cotidianamente. As horas de sair de casa; as horas que devem sair da escola A, para chegar à escola B, C e D e conseguir ter alguma dignidade na vida;

as horas nas quais precisariam de lazer, mas terão de ler e corrigir incontáveis pilhas de trabalhos ou inserir métricas capitais do sistema com números, contabilidade de presenças e notas, em cada quadradinho, *enter*, espaço, *enter*, ponto.

Diante de todos os conflitos e contradições aqui expostos – e outros muitos que aqui não caberiam nem teríamos intenção de detalhar –, este texto se propõe a questionar quais docentes são possíveis para os espaços escolares de nosso país. O que ainda nos é e será cobrado sobre nosso fazer docente? Será possível que, entre um metro e outro, entre um ônibus e um Uber, entre a comida para fazer e nossas proles para dar atenção, deveríamos estar mais conectadas? Será que não estamos deixando de lado a formação continuada, nos acomodando demais e deixando de entrar na *vibe* de nossas(os) jovens? Não estamos deixando de nos modernizar, de entender a *big data* e as mídias digitais que, afinal, é do que as turmas gostam? Retorno: que docentes são possíveis para os espaços escolares hoje?

É muito relevante pontuar todas essas situações, pois pensar as experiências nas mídias digitais e as funções de um(a) historiador(a) docente perfaz uma correlação direta com todos esses sinais da cotidianidade de nossas práticas laborais. Elas não estão nos contos literários, não devem ser romantizadas e menos ainda heroicizadas. Sobretudo, ainda que tenhamos uma certeza enorme de que a educação é uma solução para muitos males desse nosso mundo em sociedade, é essencial que tenhamos em conta que não somos os únicos e as únicas agentes dessas soluções. Tanto os problemas cotidianos da estrutura escolar, que está mais pensada para formatar um mercado do que para transformar qualquer realidade, quanto os problemas sociais que assolam o cotidiano de nossas turmas de discentes, suas mães e seus responsáveis e os problemas econômicos e estruturais devem ser alinhavados para que possamos, ao tecer essa colcha, perceber um diagnóstico e atuar para soluções. O filósofo e educador Maurício Abdalla (2023, n.p.), docente na Universidade Federal do Espírito Santo, teve um pequeno artigo publicado no jornal on-line *Outras Palavras*, em que, logo após a chamada, destacou: “Novo massacre em escola é sintoma de uma sociedade enferma. Agora, proliferam análises superficiais: bolsonarismo, educação frágil, jogos virtuais [...]. É preciso entender as causas em todas as suas dimensões. A tarefa será árdua”.

É verdade, a tarefa será árdua e deve ser debatida, refletida e trabalhada de maneira ostensiva, coletiva, pluridimensional e, o mais essencial, não despartada da educação. Notem que, basicamente duas das três citações de exemplo do articulista tiveram a ver diretamente com a nossa rotina laboral. Mas, na realidade, todas as três causas elencadas estão ancoradas em 100% de nossas preocupações de rotina no

espaço escolar. Afinal, todas se interconectam com comunicação, mídias (digitais ou não) e letramento digital. E é sobre isso que apresentaremos algumas reflexões.

O que esperar de docentes historiadores(as) públicos(as)?

Primeiro, tenhamos claro que a lida docente não deve ser simplificada, ignorada, menosprezada ou endeusada, justamente porque essas formas de ver o labor professoral são as que o destituem dos aspectos exploratórios da profissão. Segundo, vale questionar se nossos alunos – no masculino mesmo porque é o que os dados nos dão – são potenciais agentes da violência. Se sim, por quê? Se são algozes ou vítimas de um sistema, como isso se explica? E, o melhor, o que nós, historiadores e historiadoras, temos a ver com isso?

Temos muito a ver com isso, sim, pois nós, docentes, somos historiadores(as) públicos(as) (Wanderley, 2019). E isso não está restrito à ocupação do ciberespaço. Está se fazendo história pública quando se planeja um modo de transformar aquelas aulas da academia em algo que afete a turma, ou quando se traz ou se leva aqueles(as) jovens e adolescentes a espaços diversos, quem sabe conectando um tema a uma visita ao museu, praça ou terreiro. Cada vez que docentes propõem debates e estimulam a pesquisa e a expressão através de seminários, por exemplo, estão ativando um potencial do público e de cidadania.

O prefácio do livro *Imprensa e revolução: escritos jornalísticos de Marx e Engels*, escrito pelo jornalista Pedro Marín e publicado no jornal *O Poder Popular* sob o título *Verdade e revolução*, ajuda em algumas reflexões, pois mostra um pouco sobre as transformações do jornalismo, suas intenções e formas de constituição enquanto imprensa, digamos. Ali, o autor associou a figura do jornalista a um pregador e profeta. Por quê? Porque o pregador divulga e o profeta revela, ele “tira toda a poeira da visão para revelar o clarão” (Marín, 2023, n.p.). Mas essa fórmula, vista por ele como uma proposta de perseguir a verdade, de mostrá-la e espalhá-la, foi sendo restringida ao final do século XIX. Em suas palavras,

O jornalista deixava de ser um intelectual mediador alguém que cotidiana e mais ou menos conscientemente buscava interpretar e extrair a verdade dos fatos, com interesses e posições próprias e reconhecidas, com boa formação cultural e não raro advindo das classes populares, e se tornava uma máquina de narrar fatos desconexos, excluindo qualquer possibilidade interpretativa de seu conjunto em busca de uma imaginada “neutralidade”, obsessivamente treinado para escrever, como se diz nas faculdades de jornalismo, de forma que “o texto pareça não ter sido escrito por ninguém” e os fatos “apresentem-se por si mesmos” (Marín, 2023, n.p.).

Sendo assim, essa forma de ver a verdade e de se relacionar com a divulgação dos acontecimentos de forma hermética promove uma verdade fraturada do fato, despromovendo a interpretação e a análise. Como escreveu Marín, é a troca da profundidade pela velocidade. E, dentro dessa cultura burguesa, que não foi iniciada com o advento da *internet*, o que era um ofício marginal foi capturado como uma necessidade essencial, passando para as mãos de grandes donos que sabiam da necessidade de domínio sobre as massas e do potencial lucrativo. Assim sendo, “a verdade era coisa inencontrável, [já que] que todo esforço por achá-la envolveria tomar posição, e que, portanto, o jornalista deveria deixar tal busca de lado, em nome da imparcialidade” (Marín, 2023, n.p.).

A figura do(a) jornalista, ex-profeta e ex-pregador(a) se parece muito com a expectativa que temos sobre a nossa lida, enquanto docentes-historiadores(as). Nossas atuações podem ter alguma busca pela verdade hoje? Nossas atuações, dentro do espaço escolar ou do ciberespaço, são possíveis para que ofereçamos profundidade e reflexões ou devem ser enlatadas e “direto ao ponto”? Como seria interessante pensarmos, assim como a figura do jornalista, que as mídias nos oportunizam neutralidade, sendo elas um conglomerado de quatro ou cinco mega bilionários que controlam o tipo de rede social, o formato da plataforma digital em que você subirá sua produção e, mais ainda, a quem chegará – e se chegará – a sua publicação. E como seria interessante refletirmos também sobre o que são a BNCC e as diretrizes nacionais ou estaduais e municipais de educação senão parâmetros que nos dão ritmo e métrica. Será que elas não razoam e tornam nossas lidas em sala de aula superficiais? Isso sem contar com todas as formatações às quais colegas docentes no espaço escolar privado devem se submeter.

Sim, jornalistas e docentes não estão imunes a esse movimento. E, quando pensamos no ciberespaço, a *internet*, que era um arco de luz e salvação para esse mundo dos cartéis da imprensa, vemos que a possibilidade de várias vozes e da promoção da famigerada verdade vir à tona foi reduzida a esses concentradores de poder midiático e comunicacional, estando tudo agora diferente do sonho idealizado. Já não queremos verdade, agora é melhor o mais subjetivo, ou as “narrativas”, como nos lembra Marín. Já não podemos ser tão incisivos e dizer que algo é mentira. Agora é pós-verdade, é *fake news*.

Então, volta-se aqui à questão anterior: o que esperar de historiadores(as) públicos(as), docentes, com suas Licenciaturas, Bacharelados, Mestrados e/ou Doutorados? Devemos ocupar o ciberespaço e os espaços físicos disputando “narrativas” com os negacionistas? Devemos nos reinventar no espaço escolar, burlar

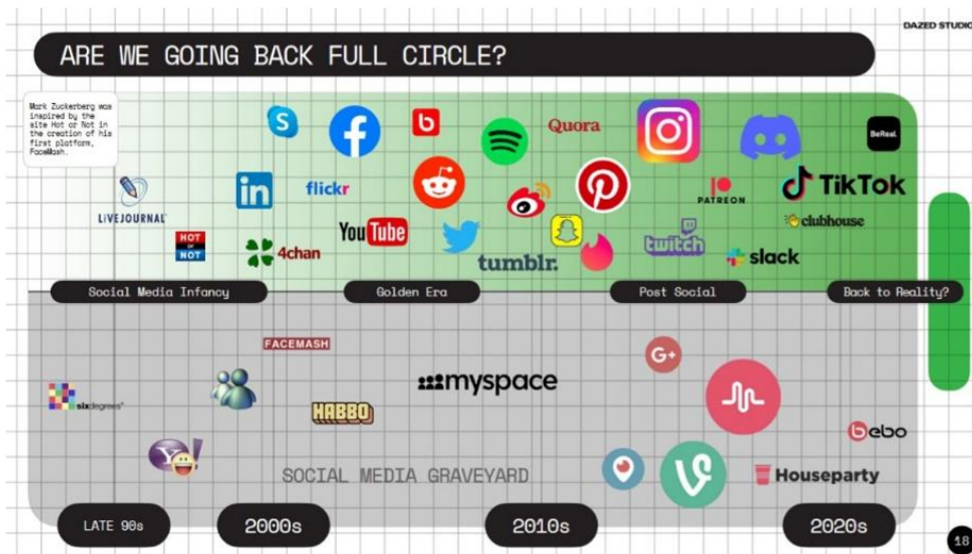
os controles de mães, pais, responsáveis, coordenações pedagógicas e diretorias e trabalhar temas e formas de pensar historicamente, mesmo correndo riscos?

Enquanto pensamos nisso, em como podemos contribuir ocupando o ciberespaço, ou se aproveitando do Projeto de Vida para trabalhar algum tema relevante de forma profunda e com significado para nossas turmas, o poder do Estado é o poder digital. Há um interesse direto para que Google, Amazon, Facebook e Apple sigam coletando dados e consigam nos rastrear, definir o que, quando e como vemos, ouvimos ou até sentimos todos os dias. É uma luta atroz. Há uma captura da tecnologia, e o Estado não está disposto a retroceder (Doctorow, 2023). As leis de regulação digital e proteção de dados deveriam estar vigentes há tempos e proibindo tantas coisas, mas caminham com menos rapidez do que deveriam. Por quê?

Para não terminar essa série de reflexões sobre nossas relações no espaço escolar e no espaço digital sem algum otimismo, há alguns dados interessantes que podem nos oferecer algumas notícias potencialmente favoráveis. A geração com a qual estamos lidando atualmente e de forma mais direta, sobretudo no Ensino Básico, está mudando. Há, pelo menos, sinais interessantes para pensarmos sobre isso. A DAZED Studio é uma empresa de publicidade para grandes empresas que faz estudos focados no público comprador. Ela fez uma pesquisa que resultou em vários dados relevantes. Ainda que não esteja focada no público brasileiro, mas em algo mais genérico, a empresa trouxe esse dossiê sobre *O futuro das mídias sociais*, com pesquisa entre 2021 e 2023 (Dazed Studio, 2023).

Em linhas gerais, jovens estão dando as costas para as redes sociais, ou, pelo menos, claramente diminuindo o tempo de uso dessas plataformas. Há um declínio das redes sociais, porque seu público principal está cansado de algumas coisas, entre elas a constante propaganda, a similaridade entre as redes (uma copia a outra e assim perde-se qualquer possibilidade de singularidade) e a falta de autenticidade, que pode ser atrelada tanto a essa produção em massa formatada para parecer bonito como à pseudo vantagem no uso da inteligência artificial, construindo, em ambas as situações, formas de artificialidade. Segundo a pesquisa, a polarização política e a saúde mental também fazem parte desse movimento de afastamento das redes. Por isso, em determinado momento do dossiê se coloca uma questão importante: estamos voltando para o ponto de partida?

Figura 1 – Infográfico “Voltamos ao começo?”



Fonte: Dazed Studio, 2023.

O infográfico acima, na Figura 1, aponta de forma bastante teleológica o caminho das mídias sociais através de uma linha do tempo, como se essas redes sociais estivessem deixando de existir após certo período, como é o caso do Facebook, do LinkedIn e de outras que seguem com milhares de usuários, ainda que não sejam eminentemente jovens que as ocupem. De todas as formas, o quadro traz uma questão interessante: depois de demarcar um período da infância, da era de ouro e do pós-social, a próxima era ou “evolução” não tem uma nomenclatura definida. O que vemos é a questão “De volta à realidade?” (do original “*Back to reality?*”). Ao analisar essa questão, é bem possível que lembremos de Pierre Lévy (2009) e suas discussões filosóficas, muito fundamentais, sobre a cibercultura. Será que estavam esses jovens vivendo fora da realidade? Qual seria a cultura virtual existente descolada do material? Qual a diferença entre a *deep web* e os recrutamentos masculinistas e/ou armamentistas que ocorrem entre e para adolescentes e jovens, que não foram vistos, ouvidos ou sentidos e são infelizmente materializados na nossa vida “analógica”/real? Efetivamente, a tendência de se tentar explicar o mundo e o presente a partir de um passado cíclico e até ordenado é algo que podemos ajudar a melhorar. E, como docentes historiadores(as) públicos(as) temos aí um espaço – um filão – para trabalharmos.

A falta de políticas públicas, legais e limitadoras desse avanço desregulado do capital, não se importando com saúde, privacidade, danos materiais ou precarização das condições de vida das pessoas usuárias, é uma realidade. Ela tem cor, nervos,

demandas materiais diárias, e seria esperado que o Estado tomasse essa (re)ação, seja através de políticas regulatórias e legais ou de políticas educacionais consistentes, entre outras. Mas, ao que parece, são nossos(as) jovens que estão regulando e fazendo repensar os formatos das interações nas redes sociais, não porque estão pensando politicamente e criticamente, mas, pelo contrário, porque estão cansadas(os), adoecidas(os) e sem crença.

O ciberespaço refletiu e reflete a sociedade ocidental capitalista e imperialista que se quer em todas as partes do globo, e parece que, após alguns anos, ela está falindo. Apesar de esta pesquisa dar bons resultados, não é possível sermos tão contentes e otimistas, pois sempre haverá novas formas de captura, sedução etc. Mas, então, qual é o apontamento para o futuro? O perfil *The Summer Hunter*, que trazia uma postagem baseada nos dados da pesquisa do Dazed Studio, sintetizou em um de seus *cards*:

O futuro da interação na internet aponta o retorno do poder às pessoas por meio de aplicativos descentralizados e o controle sobre quem pode acessar ou lucrar com dados pessoais. Em alta, as redes menores e inchadas se apresentam como alternativas mais íntimas, desenvolvendo confiança por meio do acesso direto a pessoas reais (The Summer Hunter, 2023, n.p.).

Então, algo segue dando errado e tentando fazer-se funcionar. Isso tanto no mundo “real” como no virtual. E, no entanto, uma questão para nós, que nos desafia sempre, é a nossa relação com tudo isso. A nossa relação com as expectativas que são forjadas nesse mundo, que está feito do material e do virtual. Nesse quesito, sempre há uma grande expectativa sobre a docência e sobre a formação de adolescentes e jovens. É tão importante o papel da educação e da vida em sociedade que sempre projetamos e projetam para nós, um lugar muito pesado e cheio de responsabilidades, enquanto, na realidade, somos docentes possíveis. Muitos de nós são resistência, burla e resiliência, mas também afeto e chamada de atenção. Humanas e humanos são nosso foco, nosso olhar e nosso labor diário.

E, como falamos a partir da ciência histórica, é muito relevante que pensemos sobre nossa contribuição, ou não, nessa era em que estamos. Rodrigo Turin, em um artigo intitulado “Entre o passado disciplinar e o passado prático: figurações do historiador na crise das humanidades”, publicado na revista *Tempo*, em 2018, analisa que

A disciplina histórica, assim como as humanidades, está sujeita a uma dupla pressão por reformas, seja de fora, movida pelas novas políticas de gerenciamento público e suas linguagens, como “excelência”,

“produtividade”, “impacto”; seja de dentro, a partir de um trabalho de reorganização de seus objetos e de fronteiras disciplinares, avançando novas linguagens teóricas de legitimação e também, novas finalidades e habilidades em sua formação. Duas formas de ação e de temporalidade estão em jogo: a autonomia disciplinar e a heteronomia do Estado-mercado (Turin, 2018, p. 188).

Como fazer diferente, resistir, ocupar ou até invadir, criando situações e cavando soluções, quando a realidade está chapada, passando como um rolo compressor sobre nossos dias? Como é possível que, além de tudo, queiram que as Humanidades estejam o mais fora da escola possível? Por que é perda de tempo discutir o passado ou a filosofia ou a sociologia? Por que deixam adolescentes e jovens da educação pública sem esse debate, mas também sem salas condicionadas, *internet*, merenda, e a outros(as) jovens e adolescentes entregam todo o aparato material e ainda carga horária para se debater história, arqueologia e filosofia, regados a *wifi*, realidade aumentada e visitas mediadas a espaços museológico-tecnológico-científicos várias vezes no ano? Sabemos, é claro, que é um projeto.

Profissão docente historiador(a): o que é possível fazer no mundo ciberespacial?

Apontaremos aqui alguma sistematização de soluções práticas desenvolvidas no espaço escolar, formando docentes-historiadores(ras), no sentido de fazer com que cada potencial docente tenha experiências autônomas, reflexivas e protagonistas no ciberespaço, a partir do ensino de História.

Reconhecendo, desde 2007, aproximadamente, que havia algo mudando e que era necessário estarmos atentos(as) a esses sinais no espaço escolar, começamos a entender que as linguagens não poderiam estar mais restritas a exposições orais em seminários, provas dissertativas ou trabalhos que desenvolvessem esses dois elementos: o escrito acadêmico e o oral, igualmente acadêmico, no processo de ensino e aprendizagem. A História, enquanto campo disciplinar, bastante enraizado nas métricas dos séculos XVIII e XIX, ou, quiçá, antes, se apresentava na academia sempre muito sisuda e repleta de abstrações. Quanto mais distante e abstrata, mais valorizada era a pessoa docente, e sua intelectualidade era exaltada e seguida. Talvez os grupos de discentes mais *nerds* falassem entre si: “Por fim, estamos no cume!”. E, esse cume, o “superior” do ensino, só dificultou, sobretudo na licenciatura, que nossas práticas fossem refletidas de forma mais atuante e engajante. Dificilmente incluíamos nossas turmas para pensar juntas os problemas, os temas de cada componente curricular e, sobretudo, o modo como poderíamos transformar-nos e, assim, promovermos algum rebuliço no sistema.

Essa forma de lidar com o que já observávamos como novidade rendeu muitos problemas. Por que, enfim, como docentes não explicávamos o que o texto estava trazendo e mostrávamos como cada discente poderia/deveria pensar? Por que a cada encontro havia uma dinâmica, uma atividade para trazer ou construir em sala? “Ah, isso coloca muita pressão para a turma, pois há outros componentes para estudar!”

Diante de tantos incômodos que os planejamentos de curso implementados por nós revelavam, não recuamos. Ao contrário, a partir do desenvolvimento de diversos planos de ensino executados, avaliamos que uma forma importante de contribuir para o futuro no ensino de História era o de aliar o tema da autonomia no processo de ensino e aprendizagem às novas linguagens que estavam aparecendo com maior força. Hoje, já carregamos uma série de experimentações, acertos, erros, certezas e dúvidas que perseguem a lida escolar, seja ela docente ou discente.

Nesse sentido, reconhecer que as tecnologias digitais foram e são mediadoras de nossas práticas escolares sempre foi uma máxima nessa trajetória. Mas, além disso, era preciso não ter no uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) um fator apenas lúdico, de incremento ou interesse nos encontros sobre os temas de História em sala. Era fundamental que encontrássemos meios de que cada futuro(a) professor(a) tivesse uma imersão responsabilizada de suas presenças no ciberespaço.

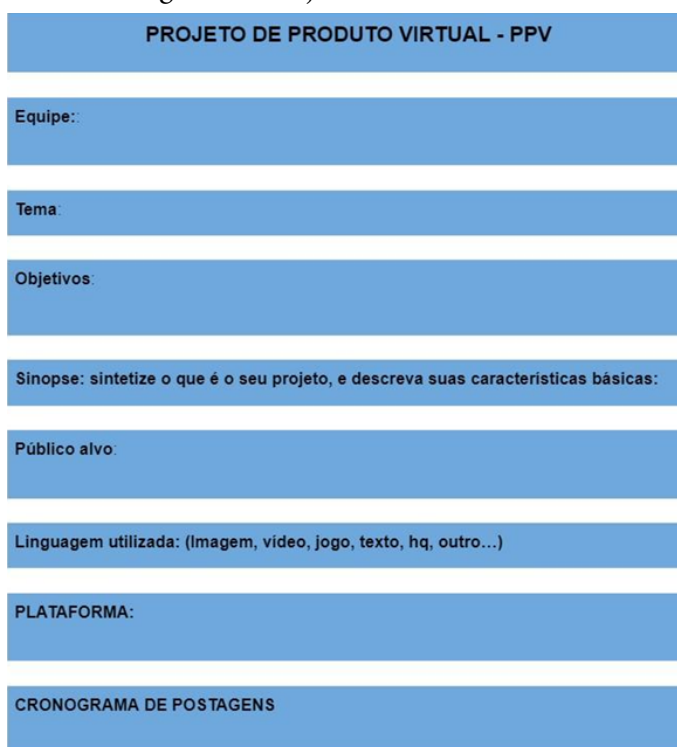
Nesse sentido, o primeiro movimento em direção a estimular historiadores(as) públicos(as), seja no espaço escolar ou no virtual, foi articular um projeto em que houvesse construção de conteúdo para mídias digitais feito por docentes em formação. Para que esse objetivo fosse alcançado, vários experimentos foram executados desde 2018 no chão da escola, até que surgisse uma sistematização concreta de todo o percurso formativo. O projeto de produto virtual (PPV) foi o resultado desses semestres de experiência, fazendo com que cada formando(a) passasse pelo percurso de produção de temas históricos no ciberespaço com método, para poder produzir conteúdo nas mídias digitais e, assim, pensar, organizar e perceber o peso da responsabilidade social e científica que é trazer o digital para seu espaço laboral.

Então, para implementar o PPV, era necessário planejar, dialogar com outra pessoa, fazer várias eleições para definir qual seria o público-alvo, realizar pesquisa de fontes e materiais, justificar o motivo de tal rede social ou plataforma ser escolhida e não outra, fazer um cronograma de publicações e detalhar qual o objetivo queria se alcançar com aquela proposta. Nesse momento, após passada a euforia da novidade que se trazia para as turmas, vinha a decepção: “como assim não vamos fazer um

post para o Instagram sobre História Medieval?” e “como assim não será apenas fazer memes?”. Enfim, a interação com as mídias digitais seria muito diferente. Era necessário pensar, ler, pesquisar, escrever, planejar o que publicar, e ainda, a cada unidade, esse conteúdo seria supervisionado e checado pela professora e monitoria.

Vale mencionar que essa forma de atuação é bastante trabalhosa. Essa implementação do projeto só foi possível graças a um trabalho coletivo. Nesse sentido, as bolsas de apoio ao ensino e os projetos de ensino submetidos à universidade, visando a esse letramento histórico e digital, foram fundamentais para que o processo pedagógico e avaliativo com o PPV pudesse se desenvolver.

Figura 2 – Projeto Produto Virtual.



O formulário é composto por nove campos retangulares de cor azul, empilhados verticalmente. Cada campo contém um rótulo em texto branco. Os campos são: 'PROJETO DE PRODUTO VIRTUAL - PPV', 'Equipe:', 'Tema', 'Objetivos', 'Sinopse: sintetize o que é o seu projeto, e descreva suas características básicas:', 'Público alvo:', 'Linguagem utilizada: (Imagem, video, jogo, texto, hq, outro...)', 'PLATAFORMA:', e 'CRONOGRAMA DE POSTAGENS'.

Fonte: Elaboração própria.

O trabalho sistematizado na unidade 1 do PPV consistia na aplicação de um planejamento sobre o que cada dupla gostaria de construir ao longo do ano, em dois semestres, nos componentes de História Medieval I e II. Entregávamos para as equipes um modelo de projeto (Figura 2) e elas deveriam ler o programa do curso, estudar um pouco os temas que seriam abordados e decidir uma linha coesa e estruturada de fazer suas inserções no ciberespaço.

Ao longo das unidades 2 e 3, os temas eram discutidos e as duplas trabalhavam nas leituras e na audição de *podcasts* acadêmicos com especialistas na área/tema, assim como tinham vídeos do YouTube com palestras, entrevistas ou *lives* de historiadores para começar a construir suas lógicas de produção. A cada unidade, além dos temas de discussão coletiva, organizavam-se dias de orientação para que docente e monitoria pudessem conversar com cada equipe, perceber suas dúvidas e inseguranças, observar seus primeiros rascunhos e, a partir daí, auxiliar nessas construções. Ao final de cada unidade tínhamos observado já um caminho básico de critérios que analisávamos nas produções que as equipes traziam, e com isso pudemos mostrar para as equipes um escopo de critérios pelos quais avaliaríamos as postagens feitas, conforme pode-se verificar na Figura 3:

Figura 3 – Critérios PPV

Critérios PPV	
→ Periodicidade (frequência proposta no projeto)	
→ Adequação ao público - alvo (linguagem)	
→ Referências (<u>biblio/imagens/audios</u>)	
→ Relação com os temas da ementa e objetivos do programa	
→ Adequação ao ambiente (tamanho de texto/Construção das imagens, etc.)	

Fonte: Elaboração própria.

Então, a cada mês de postagens ou produções, tínhamos o trabalho de checar se cada equipe estava validando sua proposta e, em caso negativo, descobrir o porquê de isso não ter ocorrido. A partir desses critérios, as turmas iam ganhando parte de suas notas da unidade e fechávamos a última delas com uma exposição de dez minutos por equipe para a turma toda, bem como convidávamos docentes da rede básica e da Graduação em História, normalmente as que lidavam com práticas de ensino e estágio, para que pudessem interagir com as equipes. Assim, a turma recebia um *feedback* de docentes que traziam a realidade laboral que, às vezes, a academia pode escamotear.

Este projeto de ensino nos rendeu trabalhos excelentes e memoráveis. Alguns começaram a desenvolver projetos que queriam, mas nunca haviam encontrado tempo e espaço para fazê-lo, como foi o caso do projeto *Christus Históricos*, no Instagram. O discente, que atualmente está em Pós-Graduação na área de História Medieval, mantém ativa até hoje sua conta/perfil (*Christus Históricos*, [202-]). Outro caso foi o da graduanda que tinha muita facilidade em compor memes e

criou o perfil *Medievo Irônico* no Instagram, que segue ativo com várias postagens e é utilizado até hoje, servindo tanto para as turmas na graduação como para docentes da rede básica (*Medievo Irônico*, [202-]).

Como já antes destacado, o processo de desenvolvimento do projeto com as equipes é muito trabalhoso. Elas também percebem que não é fácil ou tranquilo e, sobretudo, que é desafiador ser produtor(a) de conteúdo. E esse era o nosso objetivo: que se habilitassem ao uso do ciberespaço com planejamento e responsabilidade, que não usassem uma iconografia do período sem dar conta de em que *Codex* estava ou de que acervo poderia a pessoa seguidora consultar para saber mais sobre aquela imagem, texto, curiosidade ou informação publicada. Porque ser historiador(a) público(a) é ser docente. É trazer a matriz científica sempre em suas ocupações no espaço, analógico e/ou digital. Trazer letramento digital e histórico para a sala de aula também é preparar-se para replicar estratégias que nosso campo pode oferecer contra desinformação – as famosas *fake news* – e, quem sabe, contra extremistas, masculinistas, neofascistas e armamentistas que, desde 2016, perderam a vergonha de recrutar, espalhar e oralizar, nesse mesmo espaço público, sobre ódio, tortura, morte, misoginia e violência.

Por outro lado, é preciso que nossa consciência, enquanto trabalhadores da educação, esteja alerta para que não façamos do ciberespaço mais um lugar para nos tirar tempo e vida de ócio e lazer. É possível divulgar conhecimento científico nos meios sociais digitais dentro de seu tempo de trabalho? É possível contribuir para ocupação do ciberespaço com ciência histórica, com critérios e seriedade para disputar com as metanarrativas? Se sim, esperamos que esta proposta metodológica e avaliativa dentro das competências digitais e do ensino de História possa animar mais docentes a trazer essas habilidades para dentro de seus planejamentos. E, por outro lado, que tenhamos em mente que não precisamos necessariamente corresponder às opressões diárias que já temos, acrescentando novas horas extras para inserção do digital. Não podemos aceitar que, como a professora Elisabete, tenhamos que estar mais dias e mais horas de trabalho além do que devemos.

O que podemos ser é docentes possíveis. Estudar e criar situações e métodos de aprendizagem histórica estão no cerne de nossa profissão, sempre visando ao nosso objetivo maior, que está nos olhos e na presença diária de adolescentes, jovens e adultos que esperam de nós apoio para uma transformação efetiva.

Referências

- ABDALLA, M. Atentado: Outro grito. Agora, de Blumenau. **Outras Palavras**, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/atentado-outro-grito-agora-de-blumenau/>. Acesso em: 5 abr. 2023.
- CHRISTUS HISTÓRICOS. Instagram: @christushistoricos. [202-]. Disponível em: <https://www.instagram.com/christushistoricos/?hl=en>. Acesso em: 5 abr. 2023.
- CONTI, M. F.; BARCELOS, V. Ataque em Aracruz: 'Lembro do barulho do silêncio', diz professora baleada. **G1 Espírito Santo**, Espírito Santo, 24 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/12/24/ataque-aracruz-relatos-professora-sobrevivente.ghtml>. Acesso em: 5 abr. 2023.
- DAZED STUDIO. The Future of Social Media. **Dazed Studio**, 2023. Disponível em: <https://dazed.studio/white-papers/the-future-of-social-media/>. Acesso em: 5 abr. 2023.
- DOCTOROW, C. Estudo especial: a captura da tecnologia. **Outras Palavras**, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/estudo-especial-a-captura-da-tecnologia/>. Acesso em: 8 abr. 2023.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MARÍN, P. Verdade e revolução. **O Poder Popular**, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://opoderpopular.com.br/verdade-e-revolucao/>. Acesso em: 5 abr. 2023.
- MEDIEVO IRÔNICO. Instagram: @medievo_ironico. [202-]. Disponível em: https://www.instagram.com/medievo_ironico/?hl=en. Acesso em: 5 abr. 2023.
- O QUE SE SABE sobre ataque que matou 4 crianças em creche de Blumenau. **BBC News Brasil**, Blumenau, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgln2de3nvvo>. Acesso em: 5 abr. 2023.
- THE SUMMER HUNTER. O fim da era de ouro das redes sociais?. Instagram: @thesummerhunter, 26 mar. 2023.. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CqP7VBFJHVF/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWF1ZA==. Acesso em: 5 abr. 2023.
- TURIN, R. Entre o passado disciplinar e o passado prático: figurações do historiador na crise das humanidades. **Tempo**, Niterói, v. 24, n. 2, maio/ago. 2018.
- UMA PROFESSORA morre e três ficam feridas em ataque a escola estadual em SP; aluno também se feriu. **G1 São Paulo**, São Paulo, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/27/>

professores-e-alunos-sao-esfaqueados-dentro-de-escola-estadual-na-zona-sul-de-sp-diz-pm.shtml. Acesso em: 5 abr. 2023.

WANDERLEY, S. M. A. I. Didática da história escolar como história pública: aproximação pelo conceito de empatia histórica. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, História e o futuro da educação no Brasil, 2019, Recife. **Anais eletrônicos** [...]. Recife: Associação Nacional de História, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564946190_ARQUIVO_Textocompleto1.pdf. Acesso em: 5 abr. 2023.